

Ambientalidade, Co-existência e Sustentabilidade: Uma Gestalt em movimento.

Jorge Ponciano Ribeiro

Ambientalidade, dimensão existencial, ignorada e não lembrada e que, co-existindo com nossa animalidade e racionalidade, fundam nosso processo de hominização, constituindo-se, assim, numa gestalt plena, configuração primeira, nossa essência humana. (Ribeiro, J.P)

A totalidade é um campo vibratório que traz ordem, harmonia e integração à vida através da energia vital; trata-se do princípio organizador básico do universo. Manifesta-se no corpo como saúde, no âmbito espiritual como alma e no plano emocional como amor, na atmosfera, a totalidade é expressa na ecologia e nos relacionamentos humanos, como harmonia e compatibilidade. (Sabetti, S. 1991. pg..11)

Ambientalidade, originária da palavra ambiente, inexistente no dicionário, está sendo usada para, juntamente com animalidade e racionalidade, constituir a definição da estrutura de nossa essência humana. Animal-racional, o ser humano tem sido definido, frequentemente, de uma maneira inadequada, incompleta. Falta-lhe o terceiro existencial: ambientalidade, que estou constituindo e definindo a partir dos modos de existência que constituem a experiência humana de ser pessoa. Ambientalidade é uma dimensão da essência humana, através da qual somos co-constituintes do universo, feitos dos mesmos elementos de que ele é constituído: fogo, ar, terra, água. Somos partes fundantes consubstanciais, de uma totalidade através da qual tudo muda, tudo está ligado a tudo e, não obstante, Tudo é Um.

Palavras chaves: Ambientalidade, ambiente, campo, sustentabilidade, ecologia profunda.

Ambientability is a word that doesn't exist in the dictionary, its origin comes from the word environment, in Portuguese "*ambiente*". Together with animality and rationality, it is being used to constitute the definition of the structure of our human essence. To frequently define the human being as an rational animal is an inadequate and incomplete definition because it is missing the existential third: ambientability. I am constituting and defining it from the ways of existence that constitutes the human experience of being a person. Ambientability is an human essence dimension, through which we are co-constituents of the universe, we are made from the same elements of the universe: fire, water, earth and air. We are consubstantial founding parts of a totality through which everything changes, everything is connected to everything and all is One.

Keywords: Environment, environment, field, sustainability, deep ecology.

Ambitalidad, originaria de la palabra ambiente, inexistente en el diccionario, está siendo usada para, junto con animalidad y racionalidad, constituir la definición de la estructura de nuestra

esencia humana. Animal-racional, el ser humano ha sido definido a menudo de manera inadecuada, incompleta. Le falta el tercer existencial: ambientalidad, que estoy constituyendo y definiendo a partir de los modos de existencia que constituyen la experiencia humana de ser persona. La ambientalidad es una dimensión de la esencia humana, a través de la cual somos co-constituyentes del universo, hechos de los mismos elementos de los que está constituido: fuego, aire, tierra, agua. Somos partes fundantes consubstanciales de una totalidad a través de la cual todo cambia, todo está ligado a todo y, sin embargo, Todo es Uno.

Palabras claves: Ambiental, ambiente, campo, sostenibilidad, ecología profunda.

Introdução.

Ambientalidade, inexistente nos dicionários, originária da palavra ambiente, está, aqui, sendo usada para, juntamente com animalidade e racionalidade, constituir e definir um modo estrutural de ser da essência humana. Definido, frequentemente, como animal racional, o ser humano vem, ao longo dos séculos, sendo definido de maneira incompleta, fragmentada, dualista, inadequada. Falta-lhe o terceiro existencial: **ambiental**, decorrendo daí o conceito **ambientalidade** que estou definindo a partir dos modos de existência que constituem a experiência humana.

Embora possa parecer prematura, metodologicamente, a citação que segue, na qual uso uma analogia conceitual para especificar formalmente meu pensamento, sigo em frente porque desejo deixar claro que estou numa perspectiva gestáltica, holística, sistêmica e de campo, na qual o conceito de Totalidade prevalece, ao longo de toda essa reflexão.

Smuts está falando, na citação abaixo, de *matéria, vida e mente*, mas, pedindo vênica para usar esta mesma citação como uma analogia, substitui *matéria, vida e mente* por *ambientalidade, animalidade e racionalidade*, que considero os três existenciais da estrutura da essência humana. A substituição de um pelo outro torna possível a analogia do que estou chamando de estrutura da personalidade ao definir o ser humano como ambiental-animal-racional.

Uma das grandes lacunas do conhecimento foi ter separado *ambiental, animal, racional* como fenômenos isolados. Uma profunda diferença e separação entre eles produz uma quebra no conhecimento, separa o conhecimento em três reinos ou três *universos*. De fato, eles são três *mundos* experienciais e não podem ser visto como alheios um ao outro e, ao contrário, eles, de fato, se inter-relacionam e coexistem no ser humano, o

qual é feito de ambientalidade-animalidade-racionalidade. (Smuts, J. C.1996, pg 2)

A Gestalt-terapia considera que o ser humano é inseparável do mundo e a noção de campo, na relação ambiente/organismo, expressa claramente essa concepção.

Eu devo agora acrescentar que por “Todo” eu entendo o “todo” mais o seu campo, seu campo não é algo diferente dele e adicional a ele, mas uma continuação dele além de contornos sensíveis da experiência. O “Todo” está no tempo e no espaço. (Smuts, J. C.1996, 110)

Neste artigo, busco trazer como figura a dimensão **ambientalidade**, lembrando que, assim como não podemos pensar o ambiente separado do sujeito-organismo, não podemos pensar o sujeito sem implicar o ambiente que o co-constitui. *Ambientalidade* é a dimensão original deste trabalho cujo conteúdo estou constituindo e formulando como um conceito estritamente ontológico e como o componente ignorado de nossa humanidade essencial.

Como afirma Bimbenet:

Nossa relação ao animal é postulada segundo uma gradação em três termos: a pedra é “sem mundo” (weltlos); a animalidade é “pobre de mundo” (Weltarm); o homem é “configurador de mundo” (Weltbildend). (Bimbenet, E. 2011. pg. 94)

Vivemos, assim, um profundo desencontro, dualidade e fragmentação em nossa relação com o universo, apesar de sermos apenas um pequeno grão de areia ante a infinitude do deserto.

A não-consciência do existencial *ambientalidade*, analogicamente lembrado por Perls, Hefferline e Goodman com a expressão “corpo-ambiente”, gera desequilíbrios e prejuízos enormes à vida e ao planeta, com os quais não nos comprometemos, permanecendo, via de regra, indiferentes ao que acontece à mãe-terra e ao universo no sentido mais amplo.

A consciência de que somos, estruturalmente, por essência e por natureza, ambientais desperta em nós uma habilidade, uma capacidade de nos condoermos com o sofrimento do planeta, como uma dor que é nossa e um desejo de sermos guardiões da substancial relação que nos liga à mãe-terra. É esta experiência que estou chamando de **ambientabilidade**, um “*proprium*”, que decorre de nossa dimensão **Ambientalidade**.

A ambientabilidade é uma vivência que decorre da *awareness* de nossa umbilical relação com o meio-ambiente, do qual devemos cuidar como cuidamos do nosso corpo e com o qual compartilhamos da mesma carne.

Cuidar do meio ambiente e garantir sua *sustentabilidade* é cuidar de nossa preservação, de nossa interação ambiente-corpo, é repetir o mais perfeito ajustamento criador, ao sermos co-criadores de nossa própria existência no mundo. Temos vivido, ao contrário disso, um dualismo, nós e o mundo, que nos dá a ilusão de sermos separados, individualizados, fechados sobre nós mesmos, conduzindo-nos a uma postura de dominação do planeta e do outro com o qual coexistimos. A Gestalt-terapia traz no seu corpo conceitual e em sua proposta clínica uma concepção holística que nos sinaliza para a integração ao campo e ao pertencimento ao todo como fundamento ontológico do cuidado, forma essencial do estar no mundo.

O campo é a força... que precisa ser utilizada para que possamos ficar curados. Estamos conectados e envolvidos com o nosso mundo, somos inseparáveis dele, e a nossa única verdade fundamental é o nosso relacionamento com ele. “O campo, como Einstein certa vez o chamou sucintamente”, é a única realidade” (McTaggart, L. (2008) pg 16)

Nossa dimensão ambientalidade provoca em nós um processo de conscientização, uma convocação a que nos sintamos, pensemos, façamos e falemos de nossa ontológica conexão com o cosmo, de nossa filiação, de nossa consanguinidade com a mãe Terra como uma experiência de pensamento sistêmico, constituinte de nossa humanidade.

De acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e das relações entre as partes. Essas propriedades são destruídas quando o sistema é dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados. (Capra, F.(1996) pg 40)

Ambientalidade: caminho de co-existência e sustentabilidade.

Estamos diante de um novo conceito, original, que constitui, junto com nossa animalidade e racionalidade, nossa estrutura de personalidade pela natureza de seu conteúdo, embora este conceito possa nos parecer familiar, dada sua relação e semelhança com a palavra ambiente.

Neste contexto, ***ambientalidade*** é uma das dimensões estruturais da essência humana, tal como veremos a seguir com os conceitos de animalidade e racionalidade. Temos sido definidos, como “animal-racional”, dois dos três existenciais da essência humana. Isto significa que temos sido definidos de

maneira incompleta pelo fato de estar faltando o terceiro existencial: *ambiental*. Seguindo a lógica da espacialidade e da temporalidade, i.é, o aqui-agora humano, nossa definição é: somos ambientais-animais-rationais. Esta é a essência humana, conseqüentemente ambientalidade-animidade-rationabilidade são os existenciais que compõem a estrutura constituinte de nossa personalidade.

Entendo que estou trabalhando dentro de uma perspectiva de campo, que, segundo Lewin, é caracterizada pelos seguintes atributos:

“ a) a utilização de um método de construções e não de classificações; b) um interesse pelos aspectos dinâmicos dos acontecimentos; c) uma perspectiva psicológica e não física; d) uma análise que começa com a situação como um todo; e) uma distinção entre problemas sistemáticos e históricos; f) uma representação matemática do campo.”(Garcia-Roza, L.A. (1974) , pg. 20.).

Esta citação explicita o que entendo por perspectiva de campo e de como estou elaborando a constituição de um conceito a partir do qual poderemos operacionalizar outros construtos, obedecendo o seguinte princípio:

“ Elaborar construções que se relacionem com fatos observáveis por uma definição operacional ou por várias definições operacionais correspondentes às possibilidades de observação em diversas circunstâncias. Tais definições devem possuir propriedades conceituais claramente definidas, isto é, sem suposições ocultas”. (Garcia-Roza,L.A. (1974) pg. 21).

Não nos parece estranho sermos animais-rationais, mas nos parece estranho, sem jeito, se somos definidos como ambientais-animais-rationais.

Observo que tudo aquilo que, se retiramos de um objeto, faz com que este objeto desapareça, esta coisa retirada faz parte da essência deste objeto primeiro. Quando, do ponto de vista essencial e/ou operacional, retiramos do ser humano seu atributo (chamamos assim) animal ou racional, ele, simplesmente, desaparece. Estes dois conceitos ou atributos, portanto, fazem parte de nossa essência humana. Quando retiramos de nossa estrutura, de nosso ser, de nosso existir cotidiano o ar (respiramos 6 litros de ar por minuto), o calor (somos 36^o de fogo), a terra (somos 25% minerais), a água (somos 75% água), componentes constitutivos do universo, desaparecemos da mesma maneira como desapareceríamos, se de nós fossem retirados nossa animidade e racionalidade.

Podemos, portanto, afirmar que somos constituídos pelo meio-ambiente, possuímos os mesmos elementos que o constituem, ar, fogo, terra e água, e os mesmos elementos de que o cosmo é feito.'

Desapareceríamos, morreríamos, se privados de um destes elementos, pois afinal eles nos constituem tal como constituem o meio ambiente.

Nós nos damos conta de sermos animais através das sensações corporais, dos sentimentos, dos afetos, das emoções; nós nos damos conta de que somos racionais através da memória, da vontade, da inteligência, do pensamento, mas não nos damos conta de que somos ambientais por causa da dicotomia, da fragmentação, de uma divisão clássica de que *eu sou eu e o mundo é o mundo*, como se fossemos duas realidades distintas, fragmentadas, de um lado eu, do outro lado o mundo, o meio ambiente. Funcionamos como se fôssemos duas realidades: eu e o mundo, negação ontológica de nossa estrutura humana. Este é o erro histórico, ontológico, cultural, operacional que nos tem separado ou criado uma falsa identidade e uma separação total entre o ser humano e o meio ambiente.

Daí surge um universo real: físico, biológico, psíquico ou mental. Esta conexão é baseada nos fatos da existência e da experiência e não em pensamento. Estes três não são alheios um ao outro, ou irreconhecíveis, **existe um ponto cósmico que os une**, do contrário teríamos de admitir que a experiência humana é uma caótica mistura de elementos desconectados. (Smuts, C.1996 pg.3)

De novo, Smuts, anos antes de McTaggart, L (2002), está falando do conceito Totalidade, como síntese metafísica da co-existência da matéria, vida e mente e que, por extensão, aplico ao tema que ora está sendo apresentado por entender que o fundo teórico que nos prende é o mesmo.

Vários deles repensaram algumas equações que sempre haviam sido descartadas na física quântica. Essa equações correspondiam ao "campo de ponto zero", um oceano de vibrações microscópicas no espaço entre as coisas. Eles perceberam que se o campo de ponto zero fosse incluído em nossa concepção da natureza mais fundamental da matéria, o suporte do Universo seria um agitado mar de energia, um vasto campo quântico. Se isso fosse verdade, **tudo estaria interligado por algo como uma teia invisível**. (McTaggart, L (2008) pg. 20)(itálico e negrito do articulista)

Nós caminhamos, vemos o mundo fora de nós, ele está lá e nós aqui, e isto nos dá a firme sensação de que somos dois. Na verdade, somos um só: *eu sou o mundo, o mundo sou eu. Eu sou ambiente, o ambiente sou eu.* Assim como uma árvore nasce do mundo, da terra, nós também, sendo ar, fogo, terra e água, elementos de que o mundo é feito, também nascemos do mundo, e, como uma planta, somos, através de um longo processo evolutivo, filhos legítimos da ar, do fogo, da terra, da água.

Não somos dois, somos um só. Somos constituídos dos mesmos elementos de que o planeta é feito. Somos, portanto, ambientais-animais-rationais e qualquer uma destas dimensões que forem retiradas do ser humano, provocará o nosso desaparecimento.

Ambientalidade é a dimensão esquecida, ignorada, não sabida da nossa hominização. Do mesmo modo, no mesmo sentido, nas mesmas circunstâncias em que somos animais, em que somos racionais, somos também ambientais, nossa dimensão perdida, talvez pela nossa necessidade de ter controle sobre tudo aquilo que pensamos que não ser nós mesmos. O homem queima, corta, suja, polui o meio ambiente, sem se dar conta de que isso é um auto-extermínio, um ecocídio, sem se dar conta de que a *sustentabilidade do planeta* passa pela satisfação das mesmas necessidades do ser humano.

Somos uma só realidade, nós-mundo, somos a mesma carne, o mesmo sangue, nascemos do ventre, da barriga do universo, só nos falta o mesmo espírito, porque agimos como se fôssemos donos do mundo, dualidade responsável por todo o estrago da não consciência de que qualquer ofensa ao meio ambiente é ferida causada a cada um de nós, porque somos um só corpo, um só espírito com o universo. Falta-nos a sabedoria da *awareness* de que a terra é um ser vivo, pois, se assim não fosse, não geraria seres vivos, como plantas, frutas, animais, nós mesmos, pois, como um ser vivo, a terra tem os caminhos de se cuidar de si mesma.

Perdemos a dimensão de que somos uma Gestalt, uma configuração, um todo, cujas partes estão organizadas e articuladas para funcionarem como uma unidade ontológica, de que tudo está ligado a tudo, de que somos um só corpo, de que tocar em uma parte é tocar em tudo e no todo, perdemos a dimensão de que tudo muda, de que tudo está em movimento e, não obstante, Tudo é Um.

Ambientalidade-animais-rationais são dimensões ontológicas da essência humana, a qual é uma totalidade existencial que brota, que nasce da totalidade maior, o Universo. Não existem o universo e nós. Somos partes fundantes, constituintes do universo. A totalidade-universo se revela, se faz visível através da pedra (minerais), das plantas, dos animais, do ser humano, uma consubstancialidade metafísica, ontológica. Assim também não existem

corpo e alma, existe eu, totalidade inteiramente-alma-inteiramente-corpo. Não existem eu e o mundo, **ambos** co-existem como uma unidade consubstancial, estrutural, ontologicamente um **ser** que se faz visível através de **entes** e, conseqüentemente, da percepção visual, ilusória, de que são duas realidades distintas. O ser humano é totalmente ambiental, totalmente animal, totalmente racional, três naturezas na unidade de um ser, a pessoa humana, e nele não existe uma prioridade, se quer ontológica, de uma característica com relação à outra, pois estes três atributos são ontologicamente Um.

Três naturezas, a ambiental, a animal, a racional numa consubstancialidade humana, chamada homem. Elas se distinguem uma da outra, mas co-existem intrinsecamente, sem nenhuma antecedência espaço-temporal na sua essencialidade. Estou dizendo que nossa dimensão ambientalidade, que nasce de nossa unidade ambiente-corpo, foi esquecida, não sabida, devido ao fato de estarmos no mundo, aparentemente como realidade separadas, ambiente e corpo.

Não existe uma dualidade “eu” e “não-eu” do nosso corpo em relação ao Universo, mas apenas um único campo fundamental de energia. Este campo é responsável pelas funções superiores de nossa mente, a fonte de informação que orienta o crescimento do nosso corpo. Ele é o nosso cérebro, o nosso coração, a nossa memória - na verdade, ele é um projeto do mundo para toda a eternidade.(McTaggart, L. (2002) pg. 15)

Distingo *ambientalidade de meio-ambiente e de sustentabilidade ambiental e ecológica*. São três realidades diferenciadas, embora próximas do ponto de vista externo, operacional. (faltou vc colocar aqui essas distinções, como você o fez em relação a ambientalidade e ambientabilidade) Distingo *ambientalidade*, que é uma dimensão da essência humana, de *ambientabilidade*, que é a capacidade, a habilidade de lidar com o ambiente como uma consequência direta que procede de nossa dimensão ambientalidade.

Defino “*ambientalidade*” como “Dimensão humana que, juntamente com as dimensões *animal e racional* define a pessoa como *ambiental*, i.é., parte igualmente constituinte da essência humana e que se expressa na relação mundo-corpo”. **Defino** “*Ambientabilidade*” como “Dimensão que decorre do existencial *ambientalidade* e através da qual me percebo como um dos guardiões do universo, ser capaz de cuidar do planeta como cuidado de mim mesmo através de ações eficazes de proteção e de preservação”. **Defino** “*Meio ambiente*” como “Meio ambiente é o conjunto de fatores “ com vida e sem vida “, físicos ,biológicos, químicos que afetam a vida humana, bem como a

outros ecossistemas existentes e que são também afetados por eles. “**Defino** “*Sustentabilidade Ambiental e Ecológica*” como “Processo de cuidar dos recursos naturais, antecipando-se às necessidades futuras, de modo que a vida possa se manifestar no fluxo de uma consciência ética e amorosa, para que o planeta possa se tornar auto-sustentável, baseando-se no fato de que, por natureza e por essência, somos mundo, somos com e através do outro”. Somente uma co-existência real e afetiva entre *ambientabilidade* e *sustentabilidade* nos permitirá uma era de uma ecologia profunda, duradoura e sustentável para nosso planeta.

Dentro do contexto de ecologia profunda, a visão segundo a qual esses valores são inerentes a toda natureza viva está alicerçada na experiência profunda, ecológica e espiritual de que a natureza e o eu são um só. Esta expansão do eu até a identificação com a natureza é a instrução básica da ecologia profunda. (Fritjof.C.,(1996) pg.28.)

A natureza sou eu, eu sou a natureza, o ambiente sou eu, eu sou o ambiente, não somos duas realidades, somos uma só, meu corpo sou eu, eu sou meu corpo. Sou um corpo-pessoa e nele co-existem minha ambientalidade-minha-animalidade-minha-racionalidade, constituindo uma totalidade de carne e osso, chamada pessoa-humana e cujas partes estão intra ligadas, intra conectadas de uma maneira ontologicamente inseparáveis.

Esta definição, este posicionamento revela uma ética holística e ecológica de dimensões e consequências novas e originais. Esta visão introduz a unidade, a cumplicidade, a co-responsabilidade de se sentir guardião do universo como um acréscimo ao fato de que o planeta é, por essência e por natureza, auto-sustentável.

Percebermo-nos como seres ambientais-animais-racionais e nos sentirmos como tais cria uma profunda sensação de pertencimento, de aconchego, de carinho e de cuidados mútuos entre nós e o universo e nos retira do sentimento de solidão tão comum hoje em que, muitas vezes, os aparelhos eletrônicos, físicos, químicos, sem vida, se tornaram a companhia substitutiva e fria de grande parte da humanidade.

Estamos dizendo que a natureza, o meio-ambiente são partes constituintes e constitutivas da estrutura da personalidade humana. Sentir-se (sistema sensorio), pensar (sistema cognitivo), fazer-agir (sistema motor) como ambiental-animal-racional é uma com-vocação de todo o nosso ser para experimentar e vivenciar a mais harmoniosa relação corpo-ambiente, em ação, no mundo. Estamos falando de um ajustamento criativo, quiçá, criador, na relação pessoa-mundo, como uma harmoniosa forma de contato pela experiência de se sentir em total imersão com o mundo à sua volta.

Ambientalidade: caminho de espiritualidade.

Ambientalidade é o terceiro elemento essencial humano por meio do qual nos tornamos, necessariamente, *seres de relação*, em relação, seres no mundo, do mundo e para o mundo. Prestamos pouca atenção a esse existencial, sem nos dar conta de que estamos imersos no ar, no calor, na atmosfera, elementos sem os quais a vida seria impossível. Tal como o peixe que não poderia viver fora d'água, seria igualmente impossível ao ser humano viver sem as condições básicas que o meio ambiente lhe proporciona.

A vida corpóreo-mental é fruto do que nossa ambientalidade nos oferece, pois estamos sujeitos, imediatamente e sempre, à sua influência. O meio ambiente é nosso *habitat* e é por meio dele que conseguimos fazer da existência o *locus* que nos move, que nos nutre e que torna a vida possível e humana.

Observo que é com base na nossa dimensão ambientalidade que a Gestalt-terapia se torna, necessariamente, ecológica. Assim como a Gestalt-terapia, também o conceito de ecologia e de ambientalidade está centrado no conceito de campo e de totalidade. Somos seres no mundo e do mundo, e cuidar do mundo é cuidar de nós mesmos. Cuidar do mundo é cuidar de uma de nossas dimensões básicas. Na maioria das vezes, em nossa relação com o mundo, vemos-nos numa posição dentro e fora; contudo, na realidade, nossa posição real é dentro-fora, uma vez que, seres de encontro e de contato, não sabemos o que é de dentro e o que é de fora ou o que é dentro e o que é fora.

O conceito de ambientalidade implica, obrigatoriamente, não apenas em estar atento ao mundo, mas se experienciar como mundo, como do mundo, como pertencente ao mundo, assim como um rio ou uma árvore pertencem ao mundo. Somos do mundo, somos propriedade sua, sem ele nós seríamos impensáveis. Assim, é por intermédio do conceito ambientalidade que a Gestalt-terapia, como expressão harmoniosa de totalidade humana, faz-se, necessariamente, ecológica.

Espiritualidade nasce naturalmente da ambientalidade, por uma co-existência ontológica de matéria/materialidade e espírito/espiritualidade. Ambientalidade tem um pé na corporeidade que lhe dá também uma sutil experiência de espacialidade e de materialidade, ao passo que a espiritualidade tem um pé na temporalidade que a coloca sutilmente no mundo da qualidade e da imaterialidade. A relação figura-fundo cabe perfeitamente na relação espiritualidade-ambientalidade ou ambientalidade-espiritualidade, dependendo do olhar ontológico a partir do qual poderíamos pensar uma antecedência metafísica entre estas duas realidades.

Ambientalidade é habitada diretamente pela relação espaço-tempo. Enquanto uma dimensão que convive com o dentro-e-fora, ela é, ontologicamente, dentro e, cronologicamente, fora através dos elementos que compõem o universo. Vivemos uma absoluta co-existência, somos , ao mesmo tempo, espacialmente corpo, quantidade, materialidade e temporalmente espírito, qualidade, espiritualidade. Espiritualidade é uma dimensão, um *proprium* humano. Somos espirituais, porque somos humanos, somos humanos, porque somos espirituais.

A Gestalt-terapia como uma configuração, gera um campo de espiritualidade que se sustenta, que se alimenta de conceitos como contato, awareness, ajustamento criativo, homeostase, pregnância, mudança paradoxal. Estes conceitos operacionalizam a Gestalt-terapia, enquanto geradora de caminhos de espiritualidade, de uma temporalidade a ser vivida na corporalidade da busca de opções para melhor experienciar nossa humanidade, nosso encantamento por nós e pelo mundo.

Quando nos encantamos com uma noite estrelada, com a majestade das montanhas, com a força misteriosa do mar, com a suavidade do canto dos pássaros, estamos experienciando nossa ambientalidade, nosso mágico processo evolutivo que nos trouxe até aqui, encantando-nos conosco, porque somos partes constituintes de tudo isso e tudo isso é parte fundante de nós mesmos; afinal, somos isso também. Somos terra, somos ar, somos fogo, somos água. Tudo isso é como uma orquestra da qual somos um dos instrumentos, cujas notas, se retiradas, desafinarão toda a melodia. Um constitui o outro e não pode existir um sem o outro. O encantamento é a percepção da totalidade que chega até nós como a arte suprema do universo. Estamos, aí, no reino da espiritualidade.

A totalidade precede ontologicamente as partes, por isso estes três elementos – animalidade (corpo), racionalidade (pensamento) e ambientalidade (meio) – se juntam, constituindo-se numa totalidade essencial, encarnada na pessoa humana. Devemos pensar esses três componentes como Todos e constituí-los numa única essência, sem cair nas armadilhas do mecanicismo, que reafirma a prioridade das partes com relação ao todo. Somos animalidade-racionalidade-ambientalidade, um todo infinitamente harmônico.

“o” Todo”, em cada caso individual, é o centro e a fonte criativa de realidade. Existem uma infinidade destes todos, abrangendo Todos os graus de existência no universo ... Holismo compreende todos os Todos no universo. Holismo é, ao mesmo tempo, um conceito e um fator: um conceito, enquanto significa todos os Todos, e um fator, porque os Todos que ele revela são reais fatores no universo. Nós falamos matéria, enquanto inclui todas as

partículas da matéria no universo; do mesmo modo nos falamos Holismo, enquanto incluindo todos os Todos, são Todos que são, finalmente, centros criativos de realidade no universo. (Smuts, J. C. (1996) pp.116/117)”

Psicologia e humanismo não podem perder a perspectiva dessa visão de totalidade como essência humana. A Gestalt-terapia, por sua própria definição, baseia-se nessa visão de totalidade operacionalizada, permitindo-nos afirmar, inclusive, que algumas patologias são disfunções desses elementos existenciais, que, quando operacionalizados separadamente, rompem a unidade operativa do ser humano.

Gravei esta parte do artigo, num momento em que estou diante do mar assentado em uma pedra. Estou escutando seu barulho, sua música relaxante, tentando sentir o movimento das ondas que vão e que vêm, que nunca param, que estão sempre à procura de novas areias, de novos horizontes. Acho que é isso que nos espera, sermos como as ondas do mar, marés altas, marés baixas, e sempre em movimento, preparando-nos para uma nova onda, para uma nova jornada. O mar está me ensinando agora, neste momento, o seguinte:

A vida é movimento. Viver é estar em estado de travessia. Nascemos, não sabemos para onde vamos e, muitas vezes, não sabemos de onde viemos. Estar em estado de travessia é procurar a melhor forma, o melhor caminho, o melhor contato. O Gestalt-terapeuta é um caminhante, caminha olhando para onde vai, sem perder a perspectiva do encontro, do aqui-e-agora.

Estou trabalhando, ao longo deste texto, um tema novo, original “Ambientalidade, Co-existência e Sustentabilidade: uma Gestalt em movimento”. Esta é nossa estrada, nosso caminho, nosso deserto que vamos percorrer daqui para frente.

Ambientalidade, nosso existencial ignorado e desconhecido, nos remete a uma relação intrínseca ambiente-corpo. Ambientalidade é o concreto, o real, o objetivo, imersão na nossa relação mundo-corpo-pessoa, exatamente como eles são, é experiência, vivência, encontro com nossos elementos estruturantes: fogo, ar, terra, água, constituintes da mãe-terra através dos quais somos gerados em um longo e criador processo evolutivo.

Experienciar, vivenciar Ambientalidade, Co-existência e Sustentabilidade são etapas, respostas que cada ser humano vive por estar no concreto, no objetivo, por olhar o mundo exatamente como ele é, e, a partir desse olhar, olhar o horizonte que o chama, que o provoca. O horizonte é o diferente, é o que está do outro lado da estrada, é por onde caminhamos ao encontro da espiritualidade, da transcendência que se ligam intrinsecamente na constituição de uma gestalt plena e criadora.

Co-existir, co-existência é viver em espírito de *Totalidade*, é colocar em prática a consciência de que tudo afeta tudo, é acreditar, de verdade, que tudo está ligado a tudo, que tudo muda, que estamos em estado de mudança permanente e que, não obstante tudo, tudo é UM. Esta é a coexistência, único

caminho possível para a manutenção da sustentabilidade humana e ecológica. Este caminho nos leva à transcendência. É para lá que somos chamados. Nosso olhar não se firma apenas na Ambientalidade. Caminhamos daí para a co-existência e só então para a Sustentabilidade. Isto significa que não existem mundo e eu, natureza e eu, mas antes, que somos uma totalidade única, viva, em processo e que estamos sempre à cata do sentido das coisas, das coisas que nos provocam, que nos chamam e às quais precisamos responder.

Ser pessoa e, sobretudo, ser gestalt-terapeuta, é estar em estado de permanente travessia, em estado de movimento total. É fluir, é sentir, é ter uma consciência corporal cada vez mais profunda. É se mobilizar, é agir, interagir, é se encontrar com o mundo exatamente como ele é. É ser como ele é, é ser co-existência na carne, viva e operante. É procurar a realização do momento do momento que retrata uma totalidade, a relação parte-todo, figura-fundo, corpo-ambiente e a máxima unidade mulher-homem, para aí visualizar uma nova gestalt, um novo momento que pedem respostas concretas.

Entendo que este tema é uma gestalt que nos impele a fazer passagens da gestalt para a Gestalt-terapia. Gestalt-terapia do caminho, da estrada, da travessia de onde estamos para onde vamos, da Ambientalidade para a Sustentabilidade e daí para a Co-existência. É nos responsabilizarmos não só pelo aqui-e-agora, mas por toda uma estrada que deve ser feita e para a qual o instante nos convoca.

Esse tema intima, provoca a nós, Gestalt-terapeutas a, ao mesmo tempo, olhar o aqui-e-agora, a realidade exatamente como ela se apresenta, olhar para frente, sermos mensageiros de um novo mundo, de uma nova mentalidade, de uma nova estrutura, fieis a nossa alma ambiental da qual emanam Sustentabilidade e Co-existência, condições estruturantes de uma nova visão de mundo e de pessoa.

Somos gente incomodada, cúmplices do aqui-agora, espacialidade e temporalidade constituídas. Este aqui-agora é sagrado e nos convida a tirar os sapatos diante dele, a nos desvestirmos, a tirarmos as nossas roupas para, assim como a natureza nos fez, caminhar na direção do amanhã, livres de nós mesmos, livres de toda estrutura que nos prende, para olhar o mundo de uma maneira diferente, adequada, real e efetiva.

Esta é nossa caminhada, cuidadosos de nossa subjetividade, atentos à objetividade das coisas, para através delas e com elas, pensarmos o mundo diferentemente, um mundo novo, um mundo melhor, no qual as pessoas possam olhar para si mesmas, para o outro, para o mundo e sentir alegria de ser pessoa. É essa a nossa caminhada, é essa a nossa proposta.

Um mundo em co-existência, no qual nosso sentir, pensar, fazer, falar, no qual nossas dimensões ambientalidade, animalidade, racionalidade, no qual nossa relação ambiente-corpo possam ser vividos como uma totalidade estruturante de um novo paradigma, de um novo modelo no qual a relação mundo-pessoa se constitua na ética e na estética que moverá as necessidades humanas

Isto é o que estamos chamando de Ambientalidade, uma nossa dimensão esquecida e ignorada através da qual experienciamos o mundo, **não** como **o outro**, mas como parte nascida dele, gerada por ele, com uma sensação imponderável de que *sou mundo e que o mundo sou eu*. Eu-ele, ambiente-corpo, configuração perfeita, gestalt plena

Ambientalidade não é uma questão ambiental, não é um estilo de vida, não é um programa a ser levado a cabo, ambientalidade é uma dimensão humana, parte constitutiva, fundante de uma totalidade, pessoa-mundo, da qual fazem parte também a animalidade e a racionalidade.

Vivemos uma realidade ontológica, somos uma Gestalt, uma configuração, cujas partes estão integradas, articuladas, em metafísica interdependência, formando uma unidade de sentido que pode ser nominada pelo sujeito observador, de tal modo que a modificação em uma de suas partes acarretará uma modificação no todo, realidade expressa de maneira magistral por Edgar Morin, quando afirma : “o todo está na parte que está no todo” (Morin, E. (1990). Pg 109).

Estou pensando que falar deste novo conceito *Ambientalidade*, essa dimensão humana não vivida, não experimentada e ignorada é quase propor *um paradigma novo*, porque **estamos saindo de uma visão de Mundo e de Pessoa** fragmentada, mecanicista, reducionista **para** uma visão gestáltica, sistêmica, holística, de ecologia profunda em que a realidade é vista como um todo, cujas partes co-existem interligadas e interdependentes e que, indo além de uma visão holística, nos conduz a pensar nos modos funcionais de como esta Totalidade se constituiu através de uma bilinear evolução, hoje ainda em andamento.

Se e quando este conceito Ambientalidade começar a entrar no inconsciente cultural da humanidade, e as pessoas começarem a se sentir, a se perceber não como donas, proprietárias da mãe-terra, mas como parte constituinte do cosmos, uma nova onda de proteção do meio-ambiente começará a vislumbrar a verdadeira sustentabilidade: é a pessoa humana que precisa ser salva, porque o universo, se respeitado, tem o de que precisa para ser aquilo que ele é, sem ajuda externa.

Bibliografia:

Bimbenet, E. (2011) O Animal que não sou mais. Ed. UFPR – Curitiba.

Capra, F (1996) A teia da Vida. Uma nova compreensão dos sistemas vivos. Cultrix Ed. S.Paulo.

Garcia-Roza (1924) Psicologia Estrutural em Kurt Lewin. Ed. Vozes. Rio de Janeiro.

Macy J.F. Brown, Y.M. (2004) Nossa vida como GAIA. Práticas para reconectar nossas vidas e como mundo. Ed. Gaia. S.Paulo

M. C. Taggart (2008) O Campo em busca da força secreta do Universo. Ed. Rocco. R.Janeiro

Morin, E. (1990) Introdução ao Pensamento complexo. Ed. Piaget. Lisboa

Perls, F. Heffeline, R., Goodman, P. (1997) Gestalt-terapia. Summus Ed. S.Paulo.

Ribeiro. J.P. (2019) O Ciclo do contato. Summus Ed. S. Paulo.

Ribeiro. J.P. (2011) Conceito de mundo e de Pessoa. Revisitando o Caminho. Summus Ed. S. Paulo.

Sabelti.S. (1991) O Princípio da Totalidade. Uma análise do processo de energia vital. Summus Ed. S.Paulo.

Smuts. J.C (1996) Holismo and evolution, The Gestalt Journal Press .II
Ighland. N.Y